

Clínica psicanalítica - a mão dupla das transferências

Comentários

A atividade psicanalítica é árdua e exigente; não pode ser manejada como um par de óculos que se põe para ler e se tira para sair e caminhar. Via de regra a psicanálise possui um analista inteiramente, ou não o possui em absoluto.

(FREUD, v. XXII, [1933] 1974, p. 186)

São muitos os que tentam se embrenhar pelos caminhos da arte psicanalítica, mas na verdade poucos conseguem sequer tangenciá-los.

A psicanálise, como já dizia Lacan, não é uma profissão, e sua transmissão só funciona quando se está totalmente imerso na sua prática. Reconhecer um analista – para além dos diversos dispositivos usados pelas instituições que se nomeiam Instituição de Psicanálise – é uma tarefa árdua cuja serventia não é muito útil às regras estabelecidas pela dita instituição. O analista investe muito mais na psicanálise do que na instituição.

Como diz MD Magno, a psicanálise é liberdade e ousadia; a intervenção do analista depende de uma postura que precisa ser constantemente exercitada, portanto confiná-la nas paredes estreitas da verdade e do saber é transgredir a regra básica de radical ausência de fundamentos da psicanálise. Conceber o vínculo transferencial como uma Força Estranha já indica uma disponibilidade que transcende qualquer saber estabelecido e faz da verdade analítica algo da ordem de uma experiência que precisa ser vivida intensamente.

Não podemos mais creditar a sua eficácia a uma regularidade técnica e metódica. Ao contrário, cabe reconhecer que, para se exercer esta prática que atinge o núcleo de nossos afetos mais profundos, faz-se necessário despir-nos de nossas máscaras sociais. A tarefa principal de um analista, que nunca deixa de ser analisando, é ousar dizer cada vez mais e de maneiras diversas o modo singular de incorporar esta experiência que nos ultrapassa.

O místico Ibn Arabi, no livro Alquimia da alma (século XIII), fez a distinção clara entre o teórico e o adepto. Para o analista não basta ser teórico e conhecer a teoria, mas sim ser profundamente atravessado por esta prática cujo cerne está na experiência da coisa. Saber a teoria é muito pouco; só pode ajudar a transmitir e a reconhecer isso. A teoria só vem depois: o teórico tem um longo caminho, mas não passa de um certo limite, ao passo que o adepto faz a travessia. Por isso mesmo psicanálise é sinônimo de exercício, ascese. Uma ascese moderna que disponibiliza para os acontecimentos e impede que se sucumba diante deles.

A força e a sensibilidade que se apreende do trabalho de Eduardo Verano, sua tentativa de repensar, esmiuçar, analisar os conceitos para além do que já foi dito nos indica a presença de um analista. A maneira singela e pertinente com que trabalha a “douta ignorância” do analista, mostrando que é preciso “aprender a desaprender” constrói uma postura que vem das entranhas. Só lá do fundo do coração se aposta com todas as fichas na eficácia e no poder de transformação da análise.

Clínica psicanalítica: a mão dupla das transferências é o texto que o psicanalista Eduardo Ramos Verano ora nos apresenta como resultado de sua escuta psicanalítica em clínica particular, bem como de seu trabalho de ensino e transmissão da psicanálise na Associação Cultural Fazenda Freudiana de Goiânia. Portanto, podemos dizer com orgulho que este livro é uma produção da Fazenda Freudiana de Goiânia.

O que vem a ser a Fazenda Freudiana? A Fazenda Freudiana foi fundada em outubro de 1993, a partir do encontro de três psicanalistas – Eduardo Verano, Roberto dos Santos Mello e Norton Godinho Leão – que até então mantinham grupos de estudos independentes, cujo intuito foi criar uma única instituição de psicanálise. Nos dois anos que antecederam a formação da Fazenda, os três grupos já haviam realizado juntos dois eventos: A comemoração dos dez anos de morte de Jacques Lacan, em 1991, e Psicanálise e Criança no Brasil, em 1992, ambos contando com a presença de vários psicanalistas brasileiros e estrangeiros.

Na parte referente às Instituições constante do Anuário Brasileiro de Psicanálise, edição de 1995, Roberto Mello, na sua apresentação da Fazenda Freudiana de Goiânia, confirma: “esses grupos foram dissolvidos para a criação de uma instituição que viabilizasse a prática, a teoria e a transmissão da Psicanálise num espaço simbólico de convergência e liberdade, para além das lutas fraticidas, do culto à personalidade, da fragmentação de esforços isolacionistas, dos entraves burocráticos e de quaisquer obstáculos ao acesso das descobertas e invenções de Freud, revitalizadas por Lacan”. O nome “Fazenda Freudiana de Goiânia” foi também proposto pelo mesmo Roberto Mello, porque “alude metaforicamente ao Inconsciente, invenção maior de Freud, e remete à fantasia, valorizando a sua cor local”.

Hoje, com treze anos de idade, a Fazenda ajuda a escrever a história do movimento psicanalítico brasileiro e já possui o reconhecimento do nosso meio cultural. Em 2000, foi-lhe outorgado o título de Personalidade Cultural do Ano pelo Conselho Estadual de Cultura do Governo do Estado de Goiás. Dinâmica no que diz respeito ao ensino e transmissão da psicanálise, a Fazenda tem realizado inúmeras atividades, como a produção de jornadas externas e internas, ciclos de palestras, debates de filmes, seminários, oficinas de trabalho e grupos de estudos. Fazem também parte das realizações da instituição sua Clínica Social e a revista Engenho.

Com este livro, Eduardo enriquece e qualifica essas atividades revelando verdadeira filiação à causa freudiana e fazendo jus à herança deixada pelo Mestre. A propósito, Jacques Derrida, em *De que amanhã...*, discorrendo sobre o conceito de herança, nos diz que reafirmar a herança significa “não apenas aceitar essa herança, mas relançá-la de outra maneira e mantê-la viva. Não escolhê-la (pois o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente), mas escolher preservá-la viva”. Nesse mesmo texto, afirma também: “Antes mesmo de dizer que se é responsável por tal herança, é preciso saber que a responsabilidade em geral (o “responder de”, o “responder a”, o “responder em seu nome”) nos é primeiramente designada, e, de uma ponta a outra, como herança. É-se responsável perante aquilo que vem antes de si mas também perante o que está por vir, e portanto também perante a si mesmo.”

No livro em pauta, o conceito de Transferência é tratado como o diferenciador fundamental entre a Psicanálise enquanto prática teorizada e as múltiplas psicoterapias adaptativas e normatizantes que se utilizam da sugestão e da hipnose, a maioria delas oriunda de *Weltanschauungen*, ou seja, cosmovisões pré-psicanalíticas, filosóficas e/ou religiosas.

Eduardo Verano está de parabéns. Que o exemplo que agora nos dá sirva de incentivo para desengavetarmos nossos alfarrábios e lançá-los ao grande público em forma de livro.

--

Nesta obra, muito apropriadamente intitulada *Clínica psicanalítica: a mão dupla das transferências*, o autor se afasta de um simples colóquio teórico e realiza uma abordagem original, na medida em que se posiciona como parte da força estranha que acomete sujeitos em uma jornada de análise. Arriscando-se assim, Eduardo Verano transfere para o papel, a partir de sua experiência inclusive institucional, o movimento que se desenrola no centro de uma relação analítica com base em um caminho de mão dupla, a saber, a transferência que “vem” – que chega à clínica – e a transferência que “vai” – que se faz do lado do analista sustentada pelo desejo, construído, de que haja análise.

Com linguajar próprio e acessível, acaba por convidar a um retorno ao pai, Freud, que insistiu para que a transferência, isolada como técnica da psicanálise, não fosse reduzida a um discurso douto no qual o analista se manteria neutro e estéril; mas que fosse conservada e compreendida em seu dinamismo como porta de entrada para o inconsciente. Acredito que a presente obra encontra nesse ponto seu umbigo, ou seja, uma abertura para o inconsciente pela via da escuta, o que só é capaz de produzir efeitos reais através de transferências bem ditas.

Eduardo Verano é um dos raros analistas que tratam da “análise do analista” de modo aberto e insistente, reconhecendo sempre este tema como atual e relevante no cotidiano de qualquer um que se veja acometido pela psicanálise como trabalho e meio de vida. Como sabemos desde Freud, a psicanálise não é uma profissão, é muito mais que isso. Implica um percurso singular que, calcado na experiência do inconsciente por via da análise pessoal, autorizará a condução de outras análises, na medida em que, mediado pela escuta, assume um Outro lugar capaz de permitir o deslocamento do enunciado rumo à enunciação, quando assim convocado. Ou seja, o exercício da psicanálise requer uma posição discursiva sustentada por uma dimensão que se caracteriza, sobretudo, pelos efeitos de um atravessamento da fantasia particular, permitindo que o analista se posicione para além de demandas narcísicas de cura, poder e sugestão. Há que ter havido uma jornada de trabalho pessoal de sustentar uma prática clínica, que deve se manter como questão, muito mais que como profissão.

Estas são questões tratadas com rigor ao longo do livro, provocando uma interlocução que requer dos analistas certo recuo egóico, bem como uma transparência em relação às várias facetas da transferência, enquanto conceito psicanalítico. A transferência em seu âmbito imaginário pode impedir a análise de alguém, ao passo que em sua vertente simbólica se revela um facilitador, tal qual é apontado no livro em sua fértil analogia com o navegador Amir Klink. Aquele que, guiado pelas estrelas distraídas, ou seja, levado pelo “acaso”, que segundo Freud não existe, cruza oceanos do passado e do futuro, desafiando o tempo, as horas e a anatomia, sendo capaz de repousar com leveza, sobre a tragédia e a beleza do próprio sonho de existir.

--

Conjugando um estilo coloquial com a contínua busca de um grande rigor conceitual, os seminários de Eduardo R. Verano, aqui reunidos na forma de livro, desenvolvem uma acurada

discussão de temas e situações fundamentais da clínica psicanalítica. Sua forma original de se colocar diante da reflexão acerca do cotidiano da prática clínica, informal mas ao mesmo tempo precisa, permite uma interlocução fecunda com seus ouvintes, que passam a ser também “falantes” e colaboradores. Nessa interlocução, encontramos um questionamento bem sustentado do que se considera estabelecido na Psicanálise.

Eduardo Verano não recua diante do “irracional” da experiência analítica e segue na esteira de Freud, que, abandonando a racionalidade científica constituída e paralisante de sua época, enfrentou a “irracionalidade” do Inconsciente. Irracionalidade que, surgindo como obstáculo – nos sintomas histéricos, por exemplo –, exigia um enfrentamento do estudioso, ou seja, exigia uma resolução. E a resolução veio através de um ato criador e fundador – a invenção da Psicanálise.

Bons exemplos temos deste movimento no campo da matemática, no qual sempre surgiram “as irracionalidades”, verdadeiros corpos estranhos ou “pathos” (como, por exemplo, raiz quadrada de dois como medida aritmética da diagonal do quadrado de lado igual a unidade, designada pelos gregos de “alogon”, por não ter um valor aritmético exato de uma grandeza geometricamente bem definida; ou raiz quadrada de menos um, cunhada em seu surgimento como número imaginário), as quais, por exigirem uma solução, propiciaram o progresso e a ampliação dos conhecimentos referentes a esse domínio: números irracionais, números complexos...

Para saborearmos a inventio de Eduardo, consubstanciada nas reflexões apresentadas nestes Seminários, basta seguirmos os trilhamentos das “Transferências”, desde “Força estranha” a “Transferência transferida”, passando pelos “Desvios”, pelo “Aprender a desaprender”, pelo “Sentido da transferência” e pelo “Perder sentido, ganhar direção”. Em todos os textos contribuições relevantes aprofundam a discussão de aspectos fundamentais da prática psicanalítica.